



EIXO TEMÁTICO:

Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

AMBIENTES DE INFORMAÇÃO E O PERTENCIMENTO

INFORMATION ENVIRONMENTS AND THE SENSE BELONGING

Samir Hernandez Gomes (UEL) - samirhtg@faac.unesp.br

Sueli Bortolin (UEL) - suelibortolin@gmail.com

Resumo: O deslocamento de foco do livro para o usuário e o atendimento de suas necessidades nos ambientes de informação é um acontecimento recente. Esta mudança provocou o entendimento, por parte de diferentes profissionais, quanto à importância e à emergência em se propor arranjos físicos que pudessem levar o leitor a se sentir pertencente ao ambiente, e em constante motivação em se apropriar dos conteúdos existentes neles. O objetivo desta investigação é refletir a respeito da estruturação dos ambientes de informação de forma a torná-los agradáveis, aprazíveis, confortáveis, funcionais e adequados para a realização de leituras e pesquisas. O método escolhido para a investigação foi o bibliográfico, o que permitiu a busca de subsídios e diálogos com áreas, entre elas: Psicologia, Arquitetura, Educação e Geografia. Após a análise da literatura é possível concluir que é imprescindível o aprofundamento nas discussões que envolvem o estar e o permanecer nos ambientes de informação.

Palavras-chave: Ambientes de Informação. Pertencimento. Psicologia ambiental.

Abstract: The focus shift from the book to the user and the services provided to meet his needs in information environments is a recent event. This change has evoked the understanding, by different professionals, regarding the importance and the emergency to propose physical arrangements that might make the reader feel as belonging to the environments, and constantly motivated to take ownership of the contents presented there. This investigation's objective is to reflect upon the structure of information spaces to make them pleasant, enjoyable, comfortable, functional and suitable for readings and research. The bibliographical technique was the chosen method, which allowed to search for contributions and dialogues with other fields, such as: psychology, architecture, education and geography. After the literature analysis, it may be concluded that the deepening in discussions that involve being and remaining in information environments is indispensable.

Keywords: Information Environments. Sense of belonging. Environmental psychology.

1 INTRODUÇÃO

Todo discurso é carregado de intencionalidade, portanto é necessário informar que se utilizou neste trabalho ora a palavra espaço, ora ambiente, mas elas não são sinônimas. Acreditar-se que o termo ambiente é mais abrangente, pois monta-se espaços com vários elementos palpáveis e objetivos, mas o ambiente só se constrói em uma ação subjetiva e pessoal tendo como base fatores culturais, psicológicos, afetivos entre outros. Nesse sentido, o ambiente só terá validade se os atores envolvidos puderem estruturar uma relação de intimidade, compreendendo oportunidades de trocas de experiências em diversos níveis de interação.

Assim o objetivo desta investigação foi refletir a respeito da estruturação dos ambientes de informação de forma a torná-lo agradável, aprazível, confortável, adequado e funcional para a realização de leituras e pesquisas.

Discutir as estruturas de uma unidade de informação sempre foi assunto de pesquisa da CI. Os pesquisadores de gestão de bibliotecas, por exemplo, apontam os aspectos fundamentais para o seu funcionamento adequado. Falta, porém, refletir a respeito dos motivos que levam uma pessoa a gostar de estar um ambiente de informação. Saber se ela encontra-se impossibilitada de ler e estudar em sua residência. Não possui condições financeiras para aquisição de obras variadas e raras. Reunir colegas de escola ou de trabalho para estudo não lhe é permitido. Por outro lado, deve-se avaliar se o ambiente das unidades de informação apresentam ou não se apresentam convidativos para ser frequentado constantemente em busca de informação para o conhecimento, a cultura e o entretenimento.

Relacionar pertencimento, Psicologia Ambiental e ambientes de informação, em geral, remete-se aos aspectos da própria concepção dos projetos destes espaços. Se o ambiente é restrito, apertado e pequeno, a percepção que temos desse local modifica os modos de uso e as formas de pertencimento.

Assim, visando discutir e compreender as relações do indivíduo com o ambiente divide-se este trabalho nas seguintes seções: Psicologia Ambiental e os Ambientes de Informação, Pertencimento, Procedimentos metodológicos e Considerações Finais.

2 A PSICOLOGIA AMBIENTAL E OS AMBIENTES DE INFORMAÇÃO

A Psicologia Ambiental surge após a 2ª. Guerra Mundial, isto é, final dos anos 50, sendo denominada inicialmente como “Psicologia da Arquitetura” ou “Architetural Psychology”. (MELO, 1991). Segundo a autora o foco deste ramo da Psicologia era a reconstrução das cidades afetadas pela catástrofe de uma guerra e também a reocupação de obras públicas.

Estudos realizados de forma multidisciplinar pela Psicologia Ambiental demonstram quanto à relação homem-espço é fundamental na vida em sociedade. Eles discutem o sentimento de afeto/desafeto, de prazer/desprazer, de semelhança/dissemelhança, de aceitação/rejeição, que interferem na construção da identidade humana. Portanto, as investigações ligadas ao ambiente se preocupam com “[...] o ambiente físico (natural e/ou construído) e o comportamento humano, ou seja, o ambiente influencia o comportamento, e este por sua vez, também leva a uma mudança no ambiente.” (MELO, 1991).

Esta *via de mão dupla* é visitada e revisitada por especialistas, em especial, da Psicologia e Arquitetura com a intenção de respeitar os indivíduos, que em sua essência, precisam se sentir à vontade e acolhidos nos mais diversos espaços.

Referindo-se as lembranças de pessoas idosas Bosi (2010, p. 74) questiona: “O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo?” Evidentemente que nem todos tem o privilégio de ter moradia e, portanto, uma memória afetiva que lhes traga recordações dos lugares em que construíram suas memórias.

No mesmo sentido, uma maioria, por questões financeiras e também culturais não frequentaram e nem frequentam espaços que exige uma mínima habilidade no seu uso, no caso as unidades de informação. Isto muitas vezes causa inibição, levando o usuário a ter dificuldade de “quebrar o gelo” e passar a frequentar estes ambientes que, em geral, são deles por direito. Assim, a complexidade, a amplitude e as possibilidades de intervenção dos diversos projetos desses edifícios tendem hoje a mapear novas variantes e novos elementos tipológicos, baseados nas diversas experiências interdisciplinares da área da Arquitetura.

Hoje mais do que nunca, a especialização desses projetos tem sido capaz de explorar importantes desdobramentos e conquistas nos ambientes de informação, a

ponto de propor uma nova forma na sistematização da arquitetura. Uma das explicações mais coerentes sobre esse fato, diz respeito à aceleração e à expansão das modificações do ambiente e da sociedade em todas as escalas. Isso obriga arquitetos a elaborarem instrumentos de projeção inovadores e recorrerem à ajuda de outras disciplinas para a concretização das novas propostas para os setores da Ciência da Informação, isto é, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

Neste caminho, os ambientes de informação são constituídos de valores psicológico-comportamentais relevantes e que, de certa maneira, são refletidos na forma, no conteúdo e na composição dos espaços projetados.

A leitura de espacializações presente nos ambientes de informação deve ser basicamente um procedimento no qual são considerados valores relacionados à Psicologia Ambiental, o comportamento humano e os desdobramentos dos elementos espaciais, que afetam a apropriação do espaço.

No caso dos ambientes ligados à informação, o processo de apropriação espacial se dá de forma direta, envolvendo princípios lúdicos. Esse sistema interativo entre o usuário e o espaço reforça a presença de elementos volumétrico-espaciais com o objetivo de afetar diretamente os sentidos do tato, do olfato e da visão do leitor, lançando mão das novas apropriações espaciais. Em função desse processo de interação, a constituição de uma forte relação entre o ambiente e o usuário pode ser sentida na tradição arquitetônica que concede às salas de leitura e pesquisa uma situação hierarquicamente dominante. Normalmente, esses espaços expressam um forte sentido de atração, se comparado aos outros ambientes. Como exemplo disso, verifica-se a imposição de um pé-direito elevado, o posicionamento de uma iluminação especial, um mobiliário específico e a utilização de materiais que expressam acolhimento. Em decorrência desses fatos, a característica na concepção arquitetônica dos ambientes destinados à leitura e pesquisa, na ambiência espacial das unidades informacionais vêm atreladas ao conceito de flexibilidade espacial, principalmente, verificado nas separações destas áreas pelo emprego do mobiliário existente como estantes, mesas e cadeiras. De certa forma, a própria relação entre informação e usuário é reforçada na medida em que coloca o leitor junto a uma atmosfera apropriada à leitura, pesquisa e transmissão de conhecimento.

Os cuidados projetuais visam criar um espaço cenográfico e interativo, em que o usuário não somente “visite” os acervos e as atividades desenvolvidas, mas

também participe dos ambientes, envolvido em uma “aura” informacional. Sob este aspecto, os ambientes são apresentados como um código a ser apreendido pelo usuário, sempre deduzidos pela sua própria experiência psicológica e, conseqüentemente, construído a partir de um espaço significativo que, ao ser articulado com o seu significado, estabelece uma relação de uso que lhe é própria.

Unidades de informação que optam em oferecer espaços abertos, flexíveis e fluídos, geralmente produzem ambientes que assumem francamente uma reciprocidade positiva entre o usuário e o espaço. Destaca-se nestes casos, a adoção de um modelo de partido arquitetônico¹ pautado pelo binômio “espaço vivo-diversificado”, expressão definida por Jacobs (2003) como aquela revestida de particularidades e singularidades, pronto para estabelecer identidades e experiências íntimas e duradouras entre pessoa-ambiente no dia a dia.

Nesse sentido, a relação entre o espaço vivo da unidade informacional e o conjunto documental é apresentado em uma ação interativa e o âmbito do pertencimento das pessoas é reforçado na fluidez dos espaços propostos e na estruturação dos significados da intervenção arquitetônica.

Internamente, nos ambientes onde são desenvolvidas as atividades relacionadas à pesquisa e leitura, os espaços são concebidos em planta livre ou de “não parede”, formatando a possibilidade de transparência e flexibilidade em todo o contexto espacial.

Os locais onde existe o atendimento ao público e que engloba o fornecimento e a prestação de serviço de informação, devem ser projetados em uma concepção flexível baseado no princípio de que a fluidez do espaço e os elementos para o ambiente construído estão atrelados sempre a um vocabulário projetual que garante o significado ora objetivo, ora subjetivo.

Esses conceitos de fluidez são rebatidos na relação entre o espaço interno e o externo, nas aberturas de janelas e nos panos de vidro presentes nos edifícios. Além de fazer cumprir a função de iluminação e ventilação, este sistema permite dar qualidade aos espaços destinados aos usuários/leitores e os eixos de ligação entre os vários ambientes.

¹ Leupen (2004) destaca que o conceito de partido arquitetônico está relacionado à ideia do desenho de edifícios e espaços, com o objetivo principal de orientar as decisões do projeto em uma determinada direção, estabelecendo soluções no âmbito de suas qualidades construtivas, formais e funcionais.

A provocação do diálogo entre Psicologia Ambiental e ambiente de informação poderia ser aqui aprofundado, mas, no entanto, é fundamental abordar um fator que não pode ser desprezado neste conjunto, que o pertencimento. Tema que será tratado na próxima seção.

3 PERTENCIMENTO

A palavra pertencer está presente na vida de um estudante há muito tempo. Em um exercício de rememoração é fácil retomar as aulas de matemática na escola quando se estudava os conjuntos e os símbolos \in - pertence e \notin - não pertence. Porém, nos últimos anos ela é pronunciada com maior frequência na CI que vem se apropriando do discurso de pesquisas realizadas por diferentes profissionais, por exemplo, da Psicologia e da Geografia humanística.

Para construir as argumentações a respeito desse assunto e depois focá-lo com os ambientes de informação, especificamente a biblioteca e o centro de documentação histórica, buscou-se conceitos, em especial, na Sociologia e na Psicologia. Nelas encontraram-se expressões como pertença étnica, pertença social, pertença racial, pertença cultural, pertença histórica entre outras.

Ao buscar um conceito para o sentimento de pertença apropriou-se do pensamento de Freitas (2008) quando sumariza o pensamento de Valle (2002) da seguinte forma:

[...] pode ser definido como os laços que prendem o sujeito ao modo de ser, aos comportamentos e estilos de um grupo ou comunidade do qual se torne membro, fazendo com que ele se sinta e aja como participante pleno, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e valores. (FREITAS, 2008, p. 43).

O sentimento de pertença pode ser flutuante, variando no decorrer da vida, por exemplo, o sentimento de pertença não é o mesmo do início da carreira profissional comparado com o seu final. Porém, deve ser discutido e vivido desde a mais tenra idade para que as diferentes situações sociais, econômicas, raciais, culturais não intensifiquem “[...] semelhanças e diferenças entre os indivíduos e produzem, ao mesmo tempo, sentimentos de pertença a determinados grupos, bem como discriminações e exclusão de outros.” (TAVARES, 2015, p. 193).

Os indivíduos precisam do sentimento de pertencer a um grupo, pois a existência humana só tem razão de ser, se for de maneira coletiva. E neste grupo

não há espaço para a exclusão, o grau de aceitação é exatamente a concretização do pertencimento.

Se não há ligação social suficiente, possivelmente não ocorre o sentimento pertença e falta a coesão grupal, isto é comum, por exemplo, no período de entrosamento entre os sujeitos em processo de imigração ou emigração. “O pertencimento, portanto, induz às relações sociais, à participação do sujeito em uma sociedade, comunidade ou grupo cultural, na sua relação com o espaço físico [...]” (VAZ; ANDRÉ, 2015, p. 3). No entanto, isto é construído no cotidiano e não imposto por pessoas ou organismos. Evidentemente que iniciativas como agremiações, eventos, tornam mais rápido o entrosamento e as trocas culturais.

Nestes novos olhares, o estudo dos aspectos de pertencimento tem-se mostrado bastante útil nas aplicações do planejamento arquitetônico dos ambientes de informação, na medida em que tem fornecido subsídios concretos de territorialidade, privacidade, identidade e ambiência.

Vaz e André (2015, p. 8) ao se referirem a uma comunidade afirmam que o indivíduo “[...] pode ser parte de um todo e cooperar para uma finalidade comum [...] ou, em contrapartida, pode não desenvolver esse sentimento e sentir-se excluído, causando rejeição e desprezo pelo local.”

eticamente, em qualquer relação, deseja-se que as emanações negativas apontadas no parágrafo anterior, sejam sobrepostas pelas positivas, por exemplo, exclusão/inclusão, rejeição/estima, desprezo/apreço. Isto exige por parte dos profissionais que atuam em ambientes de informação a consciência da valorização e respeito aos que estão no arquivo, na biblioteca, no centro cultural, no centro de memória, no museu e demais equipamentos informacionais.

O Brasil ainda clama por investigações científicas referentes às sensações diversificadas que os espaços informacionais provocam nos usuários sejam eles sujeitos oriundos de diferentes estratos sociais e com níveis de compreensão culturais que devem ser respeitados em suas particularidades. Gomes (2014, p. 53) lembra que os sujeitos

[...] precisam transitar com ‘conforto’ no ‘ambiente’ do encontro, no espaço da interlocução, precisam desenvolver o sentimento de pertença, já que o encontro promissor com a informação é aquele capaz de gerar o terreno propício para o desenvolvimento intelectual e a construção do conhecimento.

Além de novas investigações nessa área, almeja-se a construção de espaços

informativos em que os leitores numa relação dialógica com os profissionais sintam-se acolhidos. Para Gomes (2014, p. 50) “[...] é preciso admitir que o mediador da informação é um agente envolvido com o ato de cuidar.” Possivelmente a palavra cuidar, ainda não é percebida como uma ação de profissionais ligados à CI, isto é, arquivistas, bibliotecários e museólogos. Vale destacar que para Gomes (2014, p. 57) o uso da palavra - cuidar - está relacionado aos “[...] aspectos psicológicos, estéticos e éticos que envolvem o trabalho com a informação.” Acredita-se que esta ideia, além de inovadora, atribui aos mediadores um papel social de significativa importância.

“Pensar o lugar e o seu pertencimento, requer ir além de seus traços estruturais.” (ARAUJO, 2016, p. 51). Requer um olhar sensível para os aspectos emocionais do ser vivente. Pois, “[...] desconsiderar [...] subjetividades é negligenciar a dimensão existencial dos sujeitos. O lugar é ponto de identificação, intimidade e troca de experiências.” (ARAUJO, 2016, p. 37).

Acredita-se que, como organismo social, os ambientes de informação devem despertar nas mais diversas faixas etárias, o sentimento de pertença, por meio de diferentes mediações, entre elas: discussão do reconhecimento do que é público e privado, em consequência disso o que é pago e o que gratuito; valorização da cultura local e interesse autêntico pela diversidade e respeito a outras manifestações; a busca pela preservação da memória material e imaterial.

“Dessa maneira, o sentimento de pertencimento aflora quando existe vínculos, cultivá-los ajudará a criar referências que serão a base da convivência em grupo [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 22).

Abordando a biblioteca Oliveira (2016, p. 22) afirma que o sentimento de pertença “[...] se manifestará quando houver da parte do usuário uma apropriação do espaço, quando o valor da biblioteca escolar for verdadeiro em sua vida.”

Fazer com que um espaço de informação ganhe efetivamente valor na existência do humano, requer profissionais comprometidos em tornar todos os tipos de documentos disponíveis de forma facilitada, sem barreiras e censura; para todos os usuários e sem discriminação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apesar da criação exponencial de projetos voltados a iniciação científica e a

exigência de pesquisas nos cursos de todos os níveis (graduação e pós-graduação) no Brasil, percebe-se que ainda existe dificuldade na compreensão e no aprofundamento dos incontáveis métodos de investigação científica. Por exemplo, apesar dos esforços o método bibliográfico ainda é muitas vezes confundido com o levantamento bibliográfico que é um ato obrigatório de todo pesquisador. Para Lima e Mioto (2007, p. 51): Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa [...].”

Neste trabalho optou-se por utilizar o método bibliográfico que: “Compreende a busca e análise sistemática da informação, contida em um acervo documental bibliográfico, cujos parâmetros são cuidadosamente especificados e seguem procedimentos adequados aos objetivos e norteadores da mesma.” (WITTER, 1990, p. 24).

Acredita-se que uma investigação “[...] inovadora, diferenciada do que foi até então produzido, requer prévio levantamento bibliográfico de qualidade. Qualidade que pode ser alcançada graças a um grande esforço coletivo e ao conhecimento de metodologias adequadas de busca por informação relevante.” (GALVÃO, 2010, p. 1).

Na Ciência da Informação a temática - ambiente e pertencimento - ainda é um desafio de pesquisa, pois não pode ser realizada de maneira solitária, sem o aparato multiprofissional, em especial, da Arquitetura. Este trabalho é uma tentativa de aproximação e foi possível em virtude dos autores estarem envolvidos em uma investigação de pós-doutorado que integra as duas áreas citadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constantemente fala-se da ausência, na sociedade brasileira, em preservar nossos bens patrimoniais, seja material ou imaterial. Por outro lado falta, em todos os âmbitos, municipais, estaduais, federais iniciativas que levem o cidadão a perceber que os ambientes culturais, históricos, informacionais, científicos, artísticos entre outros; devem ser frequentados como forma de apropriação do conhecimento e, conseqüentemente na valorização dos acervos de uma Nação.

A investigação se encaminhou para uma análise prospectiva, objetivando

demonstrar não perguntas ou respostas do problema, mas sim estruturar o debate acerca da construção de um conjunto de indicativos no contexto da ação interativa entre os ambientes de informação e o pertencimento das pessoas. No Brasil, existem poucas pesquisas até o momento que aprofundem as questões relacionadas ao estudo das variantes projetuais, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente aos ambientes informacionais. A realização de futuros estudos, a partir do conhecimento produzido desses ambientes e com a participação direta dos usuários nas decisões, pode ser um instrumento, ainda que preliminar, de mudança de paradigma na formatação de ambientes de informação mais agradáveis e funcionais para realização de suas tarefas.

Este processo de mudança, porém, não exige a participação direta tanto de projetistas quanto de profissionais ligados à área da Arquitetura e Ciência Informação, evidenciando as ideias e os objetivos que se desejam alcançar e quais as noções que devem embasar o projeto de ambientes de informação, os equipamentos e os serviços adequados desses edifícios. Portanto, trata-se de uma luta hercúlea travada por profissionais de diversas áreas. No que tange a CI são necessárias novas iniciativas para que se possa reunir, tratar e manter física ou digitalmente todos os gêneros possíveis de documentos produzidos no país. Aos arquitetos articular projetos garantindo a alocação, o acesso e a preservação dos mesmos.

Finalmente é possível concluir que é imprescindível o aprofundamento das discussões que envolvem o estar, o permanecer e o pertencer aos ambientes de informação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D. B. **Por uma educação no lugar**: uma leitura da percepção juvenil sobre seus espaços de vida, de Amoreira a Londrina. 2016. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

BOSI, E. **A memória e sociedade**: lembranças de velhos. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREITAS, C. G. **Desenvolvimento local e sentimento de pertença na comunidade de Cruzeiro do Sul - Acre**. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2008.

GALVÃO, M. C. B. O levantamento bibliográfico e a pesquisa bibliográfica. In: FRANCO, L. J.; PASSOS, A. D. C. (Org.). **Fundamentos da epidemiologia**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010. p. 377-398.

GOMES, H. F. A Dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em:

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEUPEN, Bernard, et al. **Proyecto y análisis: evolucion de los principios em arquitectura**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2004.

LIMA, T.C.S.; MIOTO, R.C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

OLIVEIRA, T. R. F. de. **Biblioteca escolar: espaço que medeia informação e cria laços de pertencimento**. 2016. 87f. Monografia (Especialização em Gestão de Biblioteca Escolar) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2016.

MELO, R. G. C. de. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 2, n. 1/2, 1991. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771991000100008. Acesso em: 10 mar.2015.

VAZ, A. C. de S.; ANDRÉ, B. P. Construindo identidade no espaço escolar: percepções de professores sobre o sentimento de pertencimento dos seus alunos e a construção da cidadania. COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO, 4., 2015, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: Ceduce, 2015. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID575_19052015193150.pdf. Acesso em: 10 abr.2017.

TAVARES, R. C. O sentimento de pertencimento social como um direito universal. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 16, n. 108, p. 179-201, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2014v15n106p179>. Acesso em: 20 abr. 2017.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca da informação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.